

Laila Garin revive
Elis em musical
que volta ao Rio

PÁGINA 6



Júlia Wähamann
narra lembranças
do avô combatente

PÁGINA 7



Luiza Gottschalk
expõe obras
criadas nos EUA

PÁGINA 8



2º CADERNO

Fotos Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Antônio Pitanga dirige e integra o elenco de 'Malês', longa que retrata a mais importante revolta do povo negro contra a escravidão no Brasil. Ele sonha em exibir o longa em escolas e comunidades

'MALÊS'

na boca do mundo

Quase 50 anos depois de sua primeira aventura atrás das câmeras, Antônio Pitanga reestrea como cineasta narrando o levante de escravizados muçulmanos na Bahia no século 19

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dois anos depois de ter presidido o júri da *Première Brasil*, o baiano Antônio Pitanga volta ao Festival do Rio hoje, às 19h30, em sua tela mais luxuosa, a do Odeon, para projetar para o público carioca, pela primeira vez, seu tão esperado "Malês". Quase 45 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, chamado "Na Boca do Mundo" (1978), um



dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830.

Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos. A revolta se passa no final do Ramadã, mês do calendário islâmico em que o jejum é uma forma de celebrar Alá. Após o fracasso da revolta, esses manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no país só fez aumentar. Apesar disso, o exemplo de luta e de resistência deles marcou a História não apenas por uma aula de estratégia política, mas

pelo simbolismo intelectual de um povo que combateu o açoite com boas ideias.

"Fiquei 26 anos querendo fazer esse filme, que não é sobre a História do Brasil e, sim, sobre a História do povo negro", diz Pitanga ao Correio da Manhã. "Conto aqui o mais importante levante feito por negros nesse país, quando a população escravizada levantou a bandeira da democracia, pela liberdade, contra o racismo. É um movimento que o Brasil não conhece e digo que esse projeto não é do Pitanga, tem que ser de todos. Quero exibir nas escolas, nas comunidades para que a gente possa discutir e ter uma aproximação da nossa História".

Com o bamba da edição Quito Ribeiro assinando sua montagem, "Malês", traz Camila e Rocco Pitanga, filhos de Antônio, no elenco. Ao lado deles estão Bukassa Kabengele, Rodrigo dos Santos, Patrícia Pillar, Samira Carvalho e mais uma trupe de peso.

Nas filmagens, sob a produção de Flávio R. Tambellini, Pitanga divide seu tempo na direção com seu trabalho de ator, refinando a figura de Pacífico Licutan, um dos líderes do levante, que defendia a importância da participação de diferentes aldeias e religiões para o sucesso da revolta.

"O 'Malês' é um projeto que começou quando eu filmei 'Idade da Terra', do Glauber Rocha. Ele queria levar os baianos todos de volta para a Bahia, e me disse: 'Tá na hora de a gente voltar pra casa, Pitanga'. E com essa ideia de retornar, um dos projetos dele era produzir 'Malês'", conta Pitanga. "Como o Glauber morreu, o projeto ficou adormecido até que, vendo 'Amistad', do Spielberg, eu retomei a ideia. Fiz o argumento com Orlando Sena e entreguei para a Manuela Dias escrever o roteiro".

Há mais um par de sessões de "Malês": uma é na sexta, às 16h, no Estação NET Rio, e a outra é no sábado, às 18h40, no Reserva Cultural

Sean Penn na bandeira dois

Enquanto cults do astro se espalham por streamings, seu recente desempenho em 'Daddio' chega ao país na maratona carioca



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Fala-se muito em “Daddio”, drama de desa-bafos que o Kinoplex São Luiz exhibe nesta quinta (10), às 21h15, na grade do Festival do Rio. Cada saliva gasta por Girlie (Dakota Johnson) na narrativa ambientada quase 100% no interior de um táxi umedece o calejado coração do chofer de praça Clark, um dos papéis mais ternos de Sean Penn em décadas.

Sob a direção de Christy Hall, esse par de estrelas tem uma performance que cativa pela habilidade de dar dor a palavras simples. Na trama, a passageira chega ao aeroporto após uma viagem e se entrega ao celular, numa troca de mensagens a princípio cálidas e, mais tarde,

abusivas, ao longo de uma jornada até o bairro Hell's Kitchen, numa Manhattan congestionada. Clark sabe ouvir. O tempo gasto ao volante talhou seus tímpanos para escutas nas quais tem sempre um conselho na manga para ofertar.

Num dado ponto da corrida, as angústias de Girlie são similares a muitas das que ele tem em relação ao vazio existencial que sente. Penn tem uma atuação devastadora nesse filme que vem assaltado telonas da Europa à força de sua boa acolhida em maratonas cinéfilas.

Envolvido atualmente em “The Battle of Baktan Cross”, de Paul Thomas Anderson, ao lado de Leonardo DiCaprio e Regina Hall, Penn hoje prepara um novo filme no posto de realizador: um documentário sobre o jornalista saudita Jamal Khashoggi, assassinado em 2018. Seu exercício mais recente como realizador, “Superpower”, doc sobre a Guerra da Ucrânia, permanece inédito em circuito por aqui.

Porém, uma de suas incursões ao exercício da direção, o drama “Flag Day – Dias Perdidos”, indica-



Sean Penn interpreta um taxista que singra NY em 'Daddio'

do à Palma de Ouro de 2021, acaba de ser lançado aqui, via YouTube, onde está disponível para compra ou aluguel. Sua protagonista, Dylan Penn, é filha do ator, e vive Jennifer, jovem problemática que entra numa jornada errática pelos EUA trombando com seu pai trambiqueiro, vivido por Penn. “Tento apoiar pessoas que estão apoiando a liberdade”, disse ele na Berlinale de 2023, ao lançar “Superpower”, sobre a violência de Vladimir Putin na Guerra da Ucrânia.

Codirigido por Aaron Kaufman, este ensaio sobre a violência institucionalizada foi recebido com controvérsia pela crítica pelo modo como Penn se debruça sobre a cultura da brutalidade na mídia. “Este não é um filme parcial pois fala de uma guerra que não é ambígua”, disse Penn.

Muitas vezes grandes festivais, como o de Cannes, estenderam tapete vermelho à presença de Penn, como se viu na Croisette em 2011, com a estreia mundial de “A Ár-

vore da Vida”, de Terrence Malick, que ganhou a Palma de Ouro. É possível vê-lo hoje na MUBI. Na Amazon Prime, encontra-se uma série de produções estreladas pelo artista, como “Os Últimos Passos de Um Homem” (1995), “Colors – As Cores da Violência” (1988), de Dennis Hopper; “Tiro de Misericórdia” (1990), de Phil Joanou; e “A Intérprete” (2005), de Sydney Pollack. Ou alguns filmes que Penn dirigiu, como “The Last Face - A Última Fronteira” (2016).

Divulgação



Elenco feminino de peso arrebatou o aplauso do Festival de Sundance (EUA) para 'Malu'

‘Malu’, de Sundance para a Gávea

Fã de John Cassavetes (1929-1989), o diretor Pedro Freire parece ter tomado emprestado de seu ídolo ecos de “Uma Mulher Sob Influência” (1974) na hora de compor a Comédia Humana retratada em “Malu”, sucesso tamanho GG da seleção internacional do último Festival de Sundance, nos EUA, que aterrissa hoje na competição oficial da Première Brasil com fome de láureas.

Há uma aposta quente na po-

tencial vitória de Yara de Novaes na corrida pelo troféu Redentor de Melhor Atriz. Suas parceiras de cena, Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte, são igualmente badaladas. Freire pode firmar seu prestígio como realizador a partir da saga de Malu, uma atriz de passado glorioso, que se vê presa em um caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora e sua filha adulta torna sua crise ainda

mais aguda. A sessão é nesta quinta (10), às 21h45, no Estação NET Gávea, com repeteco na sexta, às 16h30, no Odeon.

Nesta reta final de Festival, fala-se de prêmios para a direção de Luciano Vidigal em “Kasa Branca”; a atuação de Ricardo Teodoro em “Baby”; e para a fotografia de Pierre de Kerchove em “Retrato de um Certo Oriente”. Na mostra paralela Novos Rumos, merece aplausos (e láureas) o delicado “Avenida Beira Mar”, de Maju de Paiva e Bernardo Florim, no qual uma menina trans encara asperezas em nome de sua identidade e de sua autoafirmação. Andréa Beltrão é um mimo que o filme oferece à cinefilia no papel de uma mãe obstinada, às voltas com mudanças e recomeços. (R.F.)

O eleito do ódio

Revelada em Cannes, cinebiografia do empresário e ex-presidente Donald Trump chega ao Brasil, mesmo ameaçada de processo nos EUA



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Falou-se de veto judicial a “O Aprendiz” (“The Apprentice”) quando a cinebiografia de Donald Trump passou em Cannes, em disputa pela Palma de Ouro, e ampliou-se essa fala quando ele foi alvo de um atentado a tiros, em julho, na Pensilvânia. Apesar de muitas ameaças, o longa-metragem de Ali Abbasi - diretor escandinavo de origem ira-

niana respeitado cá por “Holy Spider”, de 2022 – chega hoje ao Brasil, com projeção às 22h, no Odeon. O Festival do Rio vai exibi-lo de novo amanhã, às 21h15, no Reserva Cultural, e no domingo, às 21h45, no Estação NET Gávea.

Sua passagem pela Croisette foi cercada de elogios, com destaque para o desempenho do ator Sebastian Stan. A produção é uma biopic não autorizada do ex-líder estadunidense, que sonha retornar à Casa Branca. Quem tem dúvidas sobre os ditames morais do empresário e outrora estadista tenderá a não apoiá-lo depois de assistir a esse retrato áspero de sua juventude.

“Não é um filme sobre Trump, mas sim um filme sobre o sistema, sobre como o sistema funciona e como o poder se articula com



Divulgação

Sebastian Stan tem uma atuação primorosa como o jovem Trump em ‘O Aprendiz’

ele. A ideia de que os Estados Unidos estão divididos é uma ficção, pois as pessoas que parecem estar em lados opostos frequentam as mesmas festas. Acho que (o escritor) Kurt Vonnegut definiu bem a situação ao dizer: ‘Na América só existem dois partidos: os vencedores e os derrotados’. Esse é o esquema”, disse Abbasi em Cannes, onde chamou

a atenção da crítica com o thriller “Border” (2018).

Para um artista que acredita não ser otimista, Abbasi anda confiante demais na boa vontade de Trump, uma vez que “O Aprendiz” devasta as supostas virtudes que seu personagem central poderia ter. O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com o poderoso advogado Roy Cohn, vivido por Jeremy Strong (da série “Succession”). Roy vira um mentor que ensina a seu pupilo as manhas sobre como vencer nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno” que, pouco a pouco, trai a confiança do mestre. Desrespeita ainda sua mulher, Ivana (Maria Bakalova), submetendo-a a uma violência sexual. Por isso (e mais um pouco), o comitê Trump quer processar o filme. Mas Abbasi não teme represálias.

“As eleições serão o nosso marketing”, disse o cineasta, que arranca de Stan uma atuação magistral.

Conhecido na seara pop de Hollywood pelo papel do super-herói Soldado Invernal, da Marvel, ele ganhou o Urso de Prata de Berlim, em fevereiro, por “A Different Man”. “Nossa esperança é que as pessoas vejam o filme”, disse Stan ao Correio da Manhã.

O QUE VER NESTA QUINTA NO FESTIVAL

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



O QUARTO AO LADO (“The Room Next Door”), de **Pedro Almodóvar (Espanha)**: Das muitas pedras preciosas que Pedro Almodóvar oferece à cinefilia, a mais recente chega nesta quinta ao Festival do Rio. Tilda Swinton e Julianne Moore são as protagonistas desta narrativa comovente sobre amigas que se reencontram num cenário de eutanásia. Onde: Estação NET Botafogo 1, 16h30

Divulgação



TODAS AS ESTRADAS DE TERRA TÊM GOSTO DE SAL (“All Dirt Roads Taste of Salt”), de **Raven Jackson (EUA)**: Austero estudo sobre a vida de duas mulheres, numa relação de maternidade, numa comunidade rural do Mississippi. A diretora é uma poeta, conhecida no universo literário pelo livro “Little Violences”. O destaque do elenco é a atriz-cantora anglo-ugandense Sheila Atim. Onde: Cine Santa, 16h

Divulgação



VIRGÍNIA E ADELAIDE, de **Yasmin Thainá e Jorge Furtado**: O encontro de duas mulheres extraordinárias: a brasileira Virgínia Bicudo e a alemã Adelaide Koch. Virgínia, uma mulher negra, foi a primeira psicanalista brasileira. Adelaide, psicanalista judia, veio para o Brasil em fuga do regime nazista. Elas se conheceram em 1937, quando Getúlio Vargas estabelece o Estado Novo. Onde: Cine Santa, 18h

Divulgação



BLACK TEA – O AROMA DO AMOR (“Black Tea”), de **Abderrahmane Sissako (Mauritânia)**: Esta love story disputou o Urso de Ouro da Berlinale. Sua trama começa na Costa do Marfim, no momento em que a jovem Aya (Nina Mélo) desiste de seu casamento, e se muda para Guangzhou, na China, em busca de reinvenção pessoal. Porém, a opressão racial será sua adversária. Onde: Estação NET Botafogo, 21h30

CORREIO CULTURAL



Divulgação

'O Filho de Chucky' está na programação do mês

Cine Queerioca faz seis meses com programação especial

Inaugurado em maio, o Cine Queerioca completa seis meses com uma programação semanal dedicada à temática LGBTQIAPN+.

Neste mês, o cineclube recebe uma sessão especial da criação do prêmio Fêlix do Festival do Rio, dedicado à produção queer, seguida por festa temática.

Haverá também exibições

de filmes selecionados pelo mais importante festival de cinema do Rio, com obras inspiradas no tema Outubro Macabro, dedicado a filmes de terror queer como "O Filho de Chucky" e "A Hora do Pesadelo 2".

Com uma curadoria, desde maio semanalmente são realizadas sessões com longas nacionais e internacionais.

Lançamento

Cantor e compositor carioca radicado em terras paulistas, o talentoso Marcelo Menezes apresenta nesta quinta-feira (10), às 19h, na Casa do Choro (Rua da Carioca, 38), o show de lançamento de seu mais novo trabalho, o álbum "Lamentos".

O caso Diddy

Sean Diddy Combs, o rapper e produtor preso em setembro por acusações de extorsão e abuso sexual, está tentando novamente ser liberado sob fiança. É a terceira vez que o ele tenta aguardar seu julgamento em liberdade.

Encenação

Com texto original do cearense Stênio Gardel e adaptação e direção de Daniel Herz, o espetáculo "A Palavra que Resta", que estreia nesta quinta no Teatro Léa Garcia, celebra os 32 anos de trajetória artística da Cia Atores de Laura.

O caso Diddy II

Desta vez, ele está tentando apelar da decisão que lhe negou fiança no início de outubro. Os motivos, segundo os promotores do caso, foram que Diddy apresenta risco de fuga e de manipulação de testemunhas se responder em liberdade.

Fernanda Faccioli/Divulgação



Daniella Colla ao falar das canções do pai, Carlos Colla, que decidiu gravar: 'Cada música escolhida toca meu coração de maneira especial'

Uma releitura afetiva

Cantora Daniella Colla grava EP com novas versões para quatro sucessos de seu pai, Carlos Colla, um dos compositores mais gravados por grandes nomes da MPB

Por Affonso Nunes

É difícil para o público ligar um grande sucesso musical a seus compositores quando eles não gravam suas canções. Este é o caso de Carlos Colla (1941-2023), autor de dezenas de sucessos na voz de Roberto Carlos e outros artistas. O hit "Falando Sério", de 1977, uma das belas canções românticas do repertório do Rei, ganha nova interpretação na voz da cantora Daniella Colla, filha do compositor, e marca o lançamento do EP "Daniella canta Colla", disponível em todas as plataformas digitais.

"Essa música é muito especial para mim, porque me remete a momentos de muita ternura da minha infância com meu pai. Por isso, escolhi essa canção para lançar o EP", destaca Daniella.

O projeto nasceu do desejo da

filha de celebrar a obra do pai, um dos compositores mais versáteis do Brasil. Entre as mais de 2 mil músicas escritas pela caneta do compositor e seus parceiros, Daniela usou as memórias afetivas para selecionar as faixas do EP. "Cada música escolhida toca meu coração de maneira especial. Fazem parte da trilha sonora da minha vida".

Eduardo Lages, maestro e diretor musical de Roberto Carlos, reforça. "É de muito bom gosto a regravação da música 'Falando Sério', ainda mais na voz da Daniella Colla, minha sobrinha de consideração que canta tão bonito".

Além de "Falando Sério", o EP "Daniella canta Colla" traz outros três clássicos do eclético legado de Carlos Colla: "Bye Bye Tristeza" (Marcos Valle e Carlos Colla), eternizada por Sandra de Sá e gravada agora por Daniela em parceria com Milton Guedes; "Fogão de Lenha"

(Maurício Duboc, Carlos Colla e Xororó), sucesso de Chitãozinho & Xororó, que ganhou uma versão na voz de Daniela com participação de sua filha, Carol; e "Você Vai Ver" (Elias Muniz e Carlos Colla), hit de Zezé di Camargo & Luciano, que chega em um feat de Daniela com Zé Henrique, vocalista da banda Yahoo, que assina a produção do EP com Ricardo Rodrigues.

Desde pequena, Daniela toca violão e piano. Na adolescência começou a cantar profissionalmente e, por muitos anos, se apresentou em shows voltados ao público italo-brasileiro. O EP "Daniella canta Colla", é seu sexto trabalho fonográfico.

Carlos Colla foi lançado ao estrelato por Roberto Carlos, em 1971, quando este gravou "A Namorada", composta em parceria com Maurício Duboc. Entre os anos de 1971 e 1987, Roberto gravou 17 composições da dupla Colla/Duboc, entre as quais "Falando Sério". Além dos intérpretes já citados, Colla foi gravado por Alcione, Fafá de Belém, Xuxa, Emilio Santiago, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone e Sandy e Junior.

Em 2021, durante participação de podcast do jornalista Luis Nassif, Colla resumiu seu ecletismo. Perguntado sobre o tipo de música que os intérpretes lhe pediam, respondeu de bate-pronto: "Uma música que faça sucesso. E eu faço".

Uma banda em cores e sons vivos

Divulgação

Living Colour abre nesta quinta no Rio turnê latino-americana, que inclui shows em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Buenos Aires e Santiago

Por Affonso Nunes

Um dos mais importantes nomes do rock estadunidense, o Living Colour está de passagem pela América Latina neste mês, incluindo quatro apresentações no Brasil. A primeira delas será nesta quinta-feira (10), no Sacadura 154, na Zona Portuária.

Esta será a primeira vinda da banda após sua inesquecível participação no Rock in Rio 2022, no qual se apresentaram ao lado do consagrado guitarrista Steve Vai, em um dos melhores shows de todo o festival.

Curiosamente, a primeira vinda do Living Colour ao país também foi em um grande festival: o Hollywood Rock, em 1992, com shows em São Paulo e Rio. Esta é a 11ª passagem do grupo pelo país.

O Living Colour foi formado em Nova York há 40 anos, tendo como integrantes o virtuoso guitarrista Vernon Reid, o vocalista Corey Glover, o baterista Will Calhoun e o baixista Doug Wimbish.

O grupo começa a se apresentar em clubes e bares underground de Nova York. Seu repertório autoral trazia uma sonoridade original para a década: uma fusão eletrizante de hard rock, heavy metal, punk, funk, blues e jazz. E as letras não ficavam atrás, trazendo questões confessionais e mensagens de cunho político que atacavam o eurocentrismo e o racismo na América. Enfim, a atitude contestadora do rock em sua essência.

A banda causava muito impacto nas



Formada apenas por músicos negros na Nova York dos anos 1980, o Living Colour se destacou na cena do rock com sua sonoridade singular e letras engajadas que denunciam o racismo na América

Eduardo Anizelli/Folhapress



O Living Colour durante sua aclamada e explosiva apresentação no Rock in Rio 2022, um dos melhores shows daquela edição

suas apresentações - principalmente por todos os seus músicos serem negros, algo inédito na história do rock -, por sua música “misturada” e pelos solos de guitarra altamente técnicos e velozes de Reid. Num desses shows, Mick Jagger (Rolling Stones) estava na plateia e ficou tão impressionado que ajudou os músicos a con-

seguirem seu primeiro contrato com uma gravadora: a Epic Records.

O grupo, que integra o top 100 das bandas de hard rock - em enquete promovida pelo canal de TV por assinatura VH1. tem seis álbuns de estúdio lançados. Alcançaram a fama com o disco de estreia, “Vivid” (1988), tendo como

destaques as faixas “Cult of Personality”, “Glamour Boys” e “Open Letter (to a Landlord)”, que ganharam videoclipes bastante exibidos na MTV americana.

“Cult of Personality” ganharia um Grammy de Melhor Performance de Hard Rock em 1990. Foram nomeados Melhor Artista Revelação no MTV Video Music Awards de 1989 e ganharam outro Grammy com o álbum “Time’s Up” (1990) com a faixa “Love Rears Its Ugly Head” e sua pegada blues pesada.

Após um hiato de cinco anos - quando Reid se aventurou em projetos solo e o resto da banda optou por não seguir sem ele -, eles se reuniram no final de 2000 e lançaram mais três trabalhos: “Collideoscope” (2003), “The Chair in the Doorway” (2009) e “Shade” (2017).

Nesta turnê latino-americana, a banda promete entregar uma setlist que percorre toda a sua carreira, incluindo clássicos e novos sucessos de seu último álbum. Após o show em terras cariocas, o grupo segue para Belo Horizonte (11/10), São Paulo (12) e Brasília (13). A turnê também passa por Chile e Argentina.

Para relembrar a 'Pimentinha'

Depois de ser encenado em nove capitais, 'Elis, A Musical' volta ao Rio em curta temporada no Teatro Richuelo

Caio Galucci/Divulgação

Após estrear no Rio e passar por São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia, Fortaleza, São Luís e Recife, o espetáculo "Elis, A Musical" volta à cidade para curta temporada no Teatro Riachuelo, desta sexta (11) até 3 de novembro.

O espetáculo repassa a vida e a obra de Elis Regina através de cenas que recriam momentos e canções que se tornaram marcantes em sua voz, uma das mais poderosas da música popular brasileira. Ao longo de mais de 50 números, o público poderá se reencontrar com clássicos como "Fascinação", "O Bêbado e a Equilibrista", "Alô, Alô, Marciano", "Como Nossos Pais" e "Madalena", entre muitos outros.

A direção permanece com a assinatura de Dennis Carvalho, enquanto Laila Garin e Lilian Menezes seguem se revezando na pele da icônica cantora gaúcha.

Assinado por Nelson Motta e Patrícia Andrade, o texto reconta episódios da curta e turbulenta vida de Elis, como o início da carreira, o tumultuado relacionamento com Ronaldo Bôscoli, a gravação do aclamado disco com Tom Jobim, o casamento com César Camargo Mariano e a maternidade, tendo toda a história do Brasil dos anos 1950, 60 e 70 como pano de fundo.

Entre as premiações que consagraram o espetáculo, "Elis, A Musical" recebeu os prêmios de Melhor Espetáculo (Prêmio Reverência), Melhor Direção Musical (Prêmio Cesgranrio), Melhor Produção (Prêmio APTR), Melhor Coreografia e Cenografia (Prêmio Bibi Ferreira) e Melhor Figurino (Prêmio Cenym).

'Elis, A Musical' tem uma trajetória de sucesso surpreendente. Desde a estreia, em 2013, o espetáculo alcançou incríveis 360 apresentações, teve público de 380 mil espectadores em diversas cidades brasileiras e esteve em todos os principais prêmios da cena teatral. Para celebrar este marco, a produtora Aventura planejou uma temporada especial em que festejou uma década de sucesso, em uma versão atualizada do musical, com novidades no elenco, nos figurinos e na cenografia.

SERVIÇO

ELIS, A MUSICAL

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40 - Cinelândia) | De 11/10 a 3/11, às quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (15h e 19h)
Ingressos entre R\$ 21 e R\$ 280



A atriz-cantora Laila Garin é uma das intérpetes de Elis no musical com direção de Dennis Carvalho e dramaturgia de Nelson Motta e Patrícia Andrade

Divulgação



David Pinheiro atua no monólogo

Pílulas de otimismo e superação

Conhecido pelo bordão "Somebody love" do personagem Armando Volta, na Escolinha do Professor Raimundo, o humorista David Pinheiro está em cartaz com o monólogo "É o Otimismo que faz o Besouro Voar".

No palco, David comunica-se diretamente com o público em linguagem simples e familiar, participando das questões universais e particulares, abrindo um espaço para a reflexão, o diálogo e a participação através das mensagens de otimismo do humorista Aparício Torelly, o Barão de Itararé (1895-1971), famoso por tiradas como "A vida devia ser como na ópera, no circo..." ou "De onde nada se espera daí que não vem nada mesmo".

Com iluminação básica e cenário minimalista, o espetáculo é uma mensagem de força, alegria e superação, celebrando o respeito à diversidade, de forma descontraída, integra, faixas etárias e contextos sociais distintos, para a construção de uma cultura de paz.

"É um espetáculo para toda a família, e que tem a relevância de sua própria natureza, trazendo à cena a mais singela das manifestações culturais que é a palavra", explica David.

SERVIÇO

É O OTIMISMO QUE FAZ O BESOURO VOAR

Teatro Vannucci (R. Marquês de S. Vicente, 52 - 3º piso) | De 13 a 27/10, aos domingos (20h30) | R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

ENTREVISTA / JÚLIA WÄHMANN, ESCRITORA

'Sempre tive uma relação com diários'

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

Habituada a registrar seu cotidiano e anseios em diários desde a infância, a carioca Julia Wähmann empreende uma viagem de reconhecimento próprio em "Triste Cuíca" (Janela + MapaLab, R\$ 64,90), seu quarto romance, iniciado em pleno isolamento devido à pandemia de Covid-19. Uma época propícia a reflexões sobre suas memórias e a descobertas, como o depoimento do avô, combatente do Exército brasileiro na Segunda Guerra Mundial, a quem Júlia não conheceu. Foi dos relatos do avô que nasceram o livro e o título, emprestado de um samba de Noel Rosa, aludindo a um certo Laurindo – nome pelo qual seu regimento era chamado.

Ao deparar-se com as observações do avô, Julia decidiu buscar textos escritos desde o início da pandemia, incluindo os de seus diários de infância e adolescência. Foi o esboço de um livro composto de fragmentos, que traz também trechos, análises e fatos a respeito de diários de escritoras, entre elas Joan Didion, Virginia Woolf e Annie Ernaux. Os contatos com quem está distante, por telefone/lives no período em que se isola na casa com o pai pontuam uma fascinante colagem, à qual não faltam notícias da evolução da luta contra a doença, vindas do mundo exterior. Nesta entrevista ao Correio da Manhã, Julia Wähmann, revela o processo de criação desse delicado mosaico literário.

Ao ler seus diários de infância e adolescência, você se reconheceu naquela menina, apesar de experimentar alguns constrangimentos?

Julia Wähmann – Eu me reconheço em muitos aspectos. Carrego muitas características daquela menina. Sobre tudo me pergunto o quanto aqueles registros, a insistência em olhar para certos eventos de uma determinada maneira, acabaram por moldar alguns traços de personalidade. Acho que parte do constrangimento vem dos arroubos sentimentais, de alguns primeiros ensaios



Demien Jacob/Divulgação

Em seu quarto romance, Julia Wähmann se volta para as lembranças do avô, de grandes escritoras e suas recordações como forma de enfrentar o isolamento na pandemia

de querer dizer coisas para as quais eu ainda não tinha as ferramentas e nem a maturidade adequadas. Ao mesmo tempo, ao constrangimento se segue um tipo de ternura, sabe? Um sentimento doce de me ver menina de novo. É bonito ter essas pequenas máquinas do tempo analógicas nas gavetas, e por fim isso se sobrepõe às vergonhas e desconfortos.

Como foi conhecer seu avô através das considerações sobre seu tempo e a guerra?

Meu avô morreu antes do meu nascimento, e, portanto, eu só o conhecia pelo que falavam dele. Ter acesso a esse depoimento, em primeira pessoa, dá uma outra dimensão sobre uma parte significativa da vida dele, sobre quem ele era, ainda que se trate de um evento muito específico. O registro foi um depoimento feito ao Exército, e posteriormente incluído em um dos volumes da série "História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial", publicados pela editora do Exército. De

certa forma, já eram públicos, embora, claro, raríssimas pessoas teriam acesso, curiosidade e talvez fosse improvável que aparecessem num livro de literatura.

O interesse pelos diários diversos em vários formatos – escritos, filmados – que levaram ao livro só surgiu na pandemia?

Sempre tive uma relação com diários, mantenho o hábito até hoje – com muito mais autoconsciência e bem menos espontaneidade, ainda que eu esteja sempre prestes a botar fogo neles! Boa parte dos blogs bebia da fonte dos diários, como ainda hoje se faz, de certo modo, em redes sociais. Na adolescência, adorava crônicas, que, para mim, têm suas afinidades com diários. Com o tempo fui me afeiçoando a essas narrativas, que quase sempre são vistas como menores, e procurando ler diários e outros tipos de escritas mais intimistas, mais observadoras do cotidiano ao redor. Naquele primeiro ano do isolamento, muito do que se produziu, em termos artísticos, estava ligado às novas rotinas e restrições impostas pela pandemia. Esses universos particulares, privados, ficaram mais expostos, fossem por meio da escrita ou de outras expressões. O próprio desenrolar da pandemia, do ponto de vista científico, ia se escrevendo a cada dia, se atualizando a cada dia.

Há alguns temas que se entrelaçam no livro: os diários, o diário em si, a pandemia. Mas nenhum deles revela muito sobre a narradora. Os textos são ficção ou genuinamente seus, da Julia?

Naquele primeiro ano do isolamento, muito do que se produziu, em termos artísticos, estava ligado às novas rotinas e restrições impostas pela pandemia. Esses universos particulares, privados, ficaram mais expostos, fossem por meio da escrita ou de outras expressões. O próprio desenrolar da pandemia, do ponto de vista científico, ia se escrevendo a cada dia, se atualizando a cada dia. Os textos são uma grande mistura. Parte deles foi escrito em 2020. Passados dois anos, voltei a eles com outros olhos. Tem muito de invenção. O apagamento de detalhes ou de dados mais concretos é proposital, mas a narradora está muito presente na maneira de observar e juntar certos elementos. Usei muito todas as formas de comunicação virtual, tanto para trabalho quanto para as relações familiares etc. Foram boias de salvação, reconheço o privilégio que muitos não tiveram, e sou grata por isso. Ainda mais grata pela emoção dos primeiros reencontros reais, dos primeiros abraços calorosos.



A exposição de Luiza Gottschalk traz mais de uma dezena de pinturas voltadas a imagens alusivas às entradas de bosques e troncos

Nas fendas e cicatrizes da pintura

Luiza Gottschalk reúne trabalhos de série iniciada durante residência artística em Nova York



A artista plástica paulista Luiza Gottschalk apresenta no Centro Cultural Parque Glória Maria (Parque das Ruínas), em Santa Teresa, a mostra “Sol”, reúne de forma inédita em conjunto os trabalhos da série Woods, que tiveram sua produção iniciada em residência realizada pela artista em Nova Iorque no ano passado.

A exposição traz mais de uma

dezena de pinturas voltadas a imagens alusivas às entradas de bosques e troncos de árvores, que complexificam a lógica em torno de uma relação dada entre sujeito e objeto e parecem empurrar a materialidade da tinta para fora da tela. Fendas dos planos pictóricos, esses troncos escuros reservam algo de uma cicatriz da pintura e são resultado de experimentos inéditos produzidos pela artista, representada a partir das camadas de tinta retiradas da sua

técnica de inserir panos mediadores do contato entre a tinta e a tela.

“Testei alguns experimentos a partir da minha técnica com os tecidos. Foi daí que entrei nesses espaços, que me remetem à entrada de um bosque. Na medida em que você entra, vê esses troncos na contraluz. Gosto muito que a própria materialidade da pintura que envolve esses troncos vem da camada de tinta retirada a partir da técnica com os tecidos. Ficam

quase como fendas, cicatrizes, que, quando olhadas com certa atenção, admitem dimensões espaciais distintas, fazendo dela uma fenda para outra dimensão temporal e espacial - quase um outro universo que se entrelaça e coabita”, explica a artista, que falará ao público no próximo dia 17.

Graduada em Artes Cênicas pelo teatro-escola Célia Helena (2001), em artes Plásticas pela FAAP (2014) e pós-graduada em

Artes Visuais pela FAAP (2018), Luiza ganhou os 46º e 47º prêmios da anual de artes no Museu de Arte Brasileira (MAB). Com individuais em Nova Iorque, São Paulo, Brasília e Minas Gerais, sua pintura se desdobra, sobretudo, a partir de investigações relacionadas à natureza e aos rios.

Trouxe da mata da Serra da Mantiqueira, onde morou até os nove anos de idade, o olhar para uma paisagem de vocação aquática, trabalhada plasticamente enquanto a fantasia de uma mata fechada que se confunde formalmente entre plantas, flores e rios. Luiza diz que a primeira pintura que viu na vida foram os líquens das árvores do bosque vermelho, e não é sem motivo que a cor tenha se transformado no norte da sua produção pictórica, desenvolvida em meio a uma técnica singular de inserir panos e água enquanto mediadores da relação entre a tela e a tinta.

SERVIÇO

SOL

Centro Cultural Municipal Parque Glória Maria (Rua Murinho Nobre, 169 - Santa Teresa)
Até 18/10, de terça a domingo (9h às 18h) | Entrada franca